

## O CURRÍCULO DE SALZBURG PARA BIBLIOTECÁRIOS NUMA ERA DE CULTURA DA PARTICIPAÇÃO

### *THE SALZBURG CURRICULUM TO LIBRARIANS IN A CULTURE OF PARTICIPATION AGE*

Jorge Moisés Kroll do Prado  
UFSC

#### RESUMO

Traz uma breve apresentação do que foi a construção do Currículo de Salzburg, os atores envolvidos e o procedimento de trabalho para a construção de um currículo para bibliotecários que pautasse a era da cultura da participação. Em seguida, traz a tradução completa do Currículo com as seis competências principais: engajamento social transformador; tecnologia; gestão para a participação (competências profissionais); gestão de ativos; habilidades culturais e conhecimento; aprendizagem e inovação. Finaliza com considerações sobre a importância dessas competências no perfil profissional do bibliotecário, como elas podem ser desenvolvidas e qual o papel dos cursos de graduação.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia. Currículo profissional. Cultura da participação. Bibliotecário - competências.

#### ABSTRACT

This article provides a brief presentation about the construction of The Salzburg Curriculum, the actors involved and the working procedure for the construction of a curriculum for librarians about the context of culture of participation. Then it brings the full translation of the curriculum with its six main competences: transformative social engagement; technology; management for participation (professional competences); asset management; cultural skills and knowledge; learning and innovation. It concludes with considerations about the importance of these competences in the professional librarian profile, how it can be developed and the role of undergraduate courses.

**Keywords:** Librarianship. Professional curriculum. Culture of participation. Librarian - competences.

## 1 INTRODUÇÃO

A discussão a respeito da construção de um currículo é presente em qualquer curso, pois se caracteriza como um desafio de se aliar teorias à prática proposta por um mercado de trabalho repleto de transformações cotidianas, que exige do profissional em formação habilidades e competências técnicas e emocionais. É o instrumento que norteará todo o período formativo de qualquer indivíduo.

Para atuar profissionalmente, ressaltam-se dois elementos básicos, que são um corpo de conhecimentos e competências técnicas e fundamentos emocionais focados no relacionamento (FREIDSON, 1998). Ambos começam a ser desenvolvidos durante o período formativo e nas experiências profissionais e pessoais adquiridas ao longo do tempo.

Miranda (2004, p. 115) afirma que uma competência “é um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionados que afeta parte considerável da atividade de alguém; se relacionado com o desempenho, pode ser medido segundo padrões estabelecidos.”

Perfiladas, as competências constroem o sujeito profissional, podendo inferir quais funções e atividades podem ser realizadas no ambiente de trabalho. Hamel e Prahalad (1995) corroboram com Miranda (2004) afirmando que as competências são a integração de um conjunto de tecnologias, aprendizado coletivo e habilidades. A discussão e atualização destas são de responsabilidade de alguns fatores, como o próprio mercado de trabalho e o currículo acadêmico dos cursos de graduação; sendo um tema facilmente encontrado na produção científica.

David Lankes tem sido um autor reconhecido pelas reflexões que traz ao apresentar seu conceito de Nova Biblioteconomia: pautada nas pessoas ao invés do acervo, na construção coletiva de conhecimento ao invés de mera disseminação de informação. Em seu primeiro livro, publicado em 2011, *The Atlas of New Librarianship*, Lankes apresenta, de modo bastante técnico, quais são as competências, ferramentas, habilidades e conhecimentos do bibliotecário contemporâneo. Já em 2012, publicado em acesso aberto e já traduzido para a Língua Portuguesa, o livro *Expect More: demanding better libraries for today's complex world* apresenta uma linguagem mais próxima do leitor e com exemplos práticos e reais de bibliotecários que estão atuando conforme esta Nova Biblioteconomia.

O Currículo apresentado neste artigo foi construído sob a liderança de Lankes, sendo um dos produtos de sua reflexão. Neste artigo, sendo uma tradução autorizada, tende a colaborar com a jornada do autor<sup>1</sup> em difundir este conceito que cada vez mais tem sido discutido pelos profissionais e acadêmicos da área, mas também com as mudanças curriculares sempre presentes nas instituições de ensino brasileiras.

## 2 O CURRÍCULO DE SALZBURG

Em outubro de 2011, reuniram-se na cidade de Salzburgo, Áustria, profissionais de 31 países para discutir o tema “Bibliotecas e museus numa era de cultura da participação”. O evento foi organizado em diferentes tópicos e grupos conforme a relevância do assunto permitia.

Um destes grupos ficou responsável pelo debate e reunião das competências e habilidades necessárias para os profissionais desta era. Os estudiosos que fizeram parte deste grupo foram (SALZBURG, 2011): Kindong Bae, professor no Departamento de Antropologia da Universidade de HanYang (Coréia do Sul); David Lankes, diretor e professor na Universidade de Syracuse; Deirdre M. Prins-Solani, diretor executivo do Centro para o Desenvolvimento Patrimonial na África; Guo Xiaoling, diretor do *Capital Museum*; Ross Harvey, professor na *Simmons College*; Daniel Lewis, curador-chefe na Seção de Manuscritos da Biblioteca Huntington; Sasa Madacki, diretor do Centro de Direitos Humanos da Universidade de Sarajevo; Rachel E. More, bibliotecária na Biblioteca Nacional da África do Sul; Joyoti Roy, coordenador de projetos na *National Culture Fund*; Andrea I. Sajó, diretor da Biblioteca Nacional de Széchenyi; Renyu Wang, pesquisador-associado na Academia Chinesa de Ciências Sociais; Michael Stephen, professor assistente na Universidade Estadual de San Jose.

Para identificar quais seriam estas competências e habilidades, o grupo contextualizou esta era de cultura de participação com algumas características imperativas do futuro, apresentadas no Quadro 1:

---

<sup>1</sup> *Expect More World Tour*: ciclo de palestras e atividades realizadas em diferentes países para difundir a Nova Biblioteconomia. Disponível em: <[http://davidlankes.org/?page\\_id=6826](http://davidlankes.org/?page_id=6826)>. Acesso em 15 jul. 2016.

**Quadro 1** - As características imperativas do futuro.

Reconhecer a importância das diversidades culturais, econômicas e sociais de nossas comunidades;
Aceitar o princípio de acesso democrático;
Reconhecer a necessidade de uma nova linguagem e vocabulário que descreva o seu trabalho, refletindo as novas realidades e expectativas para nossas instituições;
Criar parcerias inovadoras com as organizações comunitárias;
Aceitar novas obrigações e responsabilidades institucionais;
Colocar uma ênfase maior no valor e impacto que o público tem;
Entender a mutabilidade natural das coisas, das funções, permitindo cocriação de conteúdo;
Reconhecer a distinção entre a aprendizagem escolar e a aprendizagem fora da escola;
Entender o quanto antes que a aprendizagem faz parte de nossa missão;
Apreciar as mudanças culturais organizacionais e praticar a cultura da participação em ambientes interno e externo;
Reconhecer que a tecnologia é uma ferramenta e que a participação autêntica das pessoas depende exclusivamente delas e não da tecnologia;
Incorporar as mídias sociais em nossa missão e em nosso pensamento estratégico;
Juntar-se a uma nova onda de colaboração com outras instituições culturais através do compartilhamento de equipe e de acervo;
Abrir suas paredes, quebrar suas fronteiras e pensar no público exterior;
Mudar o currículo formativo de bibliotecários a fim de atender às demandas e realidades da cultura participativa;
Atuar com paixão e criatividade como agentes de transformação permanente.

**Fonte:** Salzburg (2011).

Dentro deste contexto e com estes profissionais, apresenta-se, a seguir, o Currículo de Salzburg, que foi traduzido integralmente do Inglês.<sup>2</sup> Ele se divide em seis competências: engajamento social transformador; tecnologia; gestão para a

<sup>2</sup> A linguagem em primeira pessoa, com o intuito de se aproximar ao leitor, foi mantida, uma vez que é uma forte característica do autor que organizou os textos do Currículo.

participação; gestão de ativos; habilidades culturais e conhecimento; aprendizagem e inovação.

## 2.1 ENGAJAMENTO SOCIAL TRANSFORMADOR

O primeiro dos tópicos do Currículo de Salzburg é o engajamento social transformador. Resumidamente, diz respeito ao fato de que se você faz parte de uma organização deve estar atento e proativo para tornar este ambiente cada vez melhor. Este “melhor” deve ser do ponto de vista institucional, o que a organização entende por aquilo que seja melhor, e não do ponto de vista unicamente do indivíduo. Assim, o engajamento social transformador é o primeiro conjunto de habilidades que o bibliotecário deve ter.

Isso inclui elementos como o ativismo. Como você pode engajar as pessoas de modo a trabalharem ativamente em determinado tema? Como você pode identificar tópicos dentro da comunidade que a torne unida, levando-a à ação para trazer melhorias? Como organizar isso? Como uma mensagem deveria ser transmitida com este propósito? Como realmente se traria a ação em torno de um objetivo?

A responsabilidade social é outra das habilidades deste primeiro conjunto: os bibliotecários precisam entender que eles são responsáveis socialmente. Suas ações, sua posição privilegiada, por exemplo, dentro da comunidade – sua posição de *veracidade* dentro da comunidade – é uma grande responsabilidade. É necessário compreender que, como profissionais que trabalham com informação, eles podem influenciar na maneira como as pessoas constroem novos conhecimentos. Mas mais que isso, bibliotecários não podem ser somente eles responsáveis socialmente. Eles deveriam, em essência, preparar a comunidade para que também seja socialmente responsável, que os membros desta comunidade estejam juntos em torno de uma variável em comum, que é manter-se vivos, ir à escola, ao trabalho e qualquer outra atividade inerente à condição humana.

A análise crítica social é um mecanismo pelo qual você pode entender a sua comunidade, mas não questionando o que as pessoas acham da sua biblioteca ou como eles a utilizam. Pelo contrário, devemos ir à comunidade para descobrir “O que vocês estão fazendo?”, “Quais seus problemas?”, “Quais seus objetivos?”. Obviamente que as pessoas dentro de uma comunidade estão repletas de diferentes vontades, logo, é

fundamental saber identificar o que é de prioridade para a comunidade e, assim, a biblioteca poder traçar um plano de ação.

Os bibliotecários precisam também preparar agendas de eventos de cunho político e social. Eventos que tragam uma reflexão crítica aos membros da comunidade, que estes se perguntem como está o desenvolvimento econômico de sua cidade. Como podemos ir além dos acervos e oferecer serviços efetivos de transformação social? A biblioteca, muitas vezes, forma-se e se desenvolve em torno das aspirações de sua comunidade, e não o contrário.

Ainda dentro desta habilidade de engajamento social transformador, temos o aspecto do *advocacy*, termo sem tradução oficial para a Língua Portuguesa, mas começando a ficar mais recorrente no vocabulário do bibliotecário brasileiro. *Advocacy*, obviamente, está relacionado com ativismo. Como podemos nos organizar junto da comunidade para as ações sociais, política e às causas que precisam ser defendidas?

A sustentabilidade de uma missão social não depende somente de saber o que queremos, mas também saber como manter aquilo que queremos. É necessário entender as consequências acarretadas ao se lutar por uma causa, saber quais os recursos necessários (não só financeiros e tecnológicos, mas também sociais). É fundamental ter um plano para continuar a desenvolver a proposta.

Quando se fala em causas e interesses, há também a divergência de ideias e de opiniões; portanto, saber gerenciar os conflitos que porventura venham a surgir também é um elemento-chave dentro da habilidade do engajamento social transformador. Quando os bibliotecários se propõem a alguma atividade, é comum no plano de ação ter planos B que possam ser colocados em prática caso a ideia dê errado. Isso é somente com a finalidade de evitar conflitos. A gestão de conflitos, na verdade, é o bibliotecário atuando como moderador dos interesses e facilitador para a ação. Uma tarefa bastante difícil, uma vez que o próprio bibliotecário tem os seus interesses também.

Por fim, dentro desta habilidade, volto a dizer que precisamos entender as necessidades de nossas comunidades. Precisamos ser proativos com os nossos serviços e produtos, transparecer uma imagem de apoio e não somente passar a mensagem passiva de que “Eu estou aqui, pronto para te ajudar”.

## 2.2 TECNOLOGIA

A próxima habilidade que queremos apontar neste Currículo é a tecnologia. Hoje, ao ouvir esta palavra, já nos vêm à mente a Internet, os celulares e o acesso instantâneo à informação.

A tecnologia não é uma grande novidade para um ambiente de biblioteca. Por muitos séculos, ela tem sido parte integrante de como os bibliotecários trabalham. Antes de utilizarmos eletricidade e bateria para alimentar nossa tecnologia, utilizávamos lápis e papel. O catálogo de fichas também foi uma tecnologia, e bastante interessante por sinal, pois servia como uma espécie de mapa da biblioteca, podendo indicar onde encontrar a informação necessária para uma demanda específica. Já durante os anos 50 e 60, com a implementação da microfilmagem de alta qualidade, as bibliotecas conseguiram criar acervos muito maiores e classificá-los.

Falar sobre tecnologia é algo tentador, especialmente nessa época de cultura da participação. Você já sabe o que é Facebook, HTML, fotos digitais e leitores de livros eletrônicos. A pergunta levantada durante a reunião em Salzburg foi: “Colocamos tecnologia como uma habilidade durável, mesmo que os caminhos para implementá-la sofram rápidas evoluções?”

Uma resposta rápida seria não pensar nisso. Não podemos nos ater ao fato das rápidas transformações. O mais importante a se pensar é em como criar e manter uma presença digital eficaz. É imprescindível que tanto bibliotecas como bibliotecários mantenham uma presença na *Web*, estejam disponíveis. Tendo uma boa presença, torna-se mais fácil migrar e acompanhar a evolução das plataformas (mídias sociais, sites, blogs).

Ainda assim, aos poucos você poderá achar que não será suficiente estar nesses espaços online, que perderá o fôlego ao tentar acompanhar tudo e que nada será o suficiente. Entretanto, não é este o ponto que precisa ser evidenciado, mas sim que você está criando mecanismos para estar digitalmente presente e atender à sua comunidade, no ritmo dela.

Há um grande impacto também na maneira como você venha a aprender sobre o uso das tecnologias. Ao invés do bibliotecário se enclausurar para entender o funcionamento de uma nova mídia, por exemplo, ele pode reunir diferentes membros da comunidade e outros bibliotecários, com diversos níveis de formação, e todos

aprenderem juntos conforme o contexto em que estão inseridos. Todos estão num momento de aprendizado, e saber aproveitar esta oportunidade pode trazer excelentes resultados. Entende-se que haverá pessoas neste contexto que poderão não estar interessadas em tecnologias, ou que ao sentir dificuldades no manejo poderão se desmotivar. Eis mais um momento para que o bibliotecário entre em ação e faça a diferença, com uma abordagem simplista, acessível e realista.

A ideia de que podemos utilizar a tecnologia para compreender situações, estudar diferentes temas, comunicar-se com a nossa comunidade, gerar valor e construir novos conhecimentos é fantástica. As perguntas que ficam quando se pensa na tecnologia como habilidade são: como utilizá-las para engajar e promover a aprendizagem? Como integrá-las com produtos e serviços que a biblioteca disponibiliza? Quais os benefícios aparentes para a comunidade?

### 2.3 GESTÃO PARA A PARTICIPAÇÃO: competências profissionais

Bibliotecários precisam gerenciar suas próprias vidas, a sua biblioteca e, dependendo do contexto, até a sua organização. Ao longo dos anos, a gestão passou por grandes mudanças, algumas pessoas dizendo até que a gestão está “morta”. Entretanto, o que aconteceu foi que a gestão passou da exclusividade de estruturas muito hierárquicas e burocráticas, ganhando maior flexibilidade e fluidez. Isso nos fez perguntar, quando nos reunimos para a construção deste Currículo, se a gestão, num tempo de cultura de participação, estaria como uma habilidade essencial para o bibliotecário. Quais seriam as habilidades administrativas que o profissional deveria possuir?

A primeira delas seria entender como funciona a sustentabilidade institucional. Antes de criar qualquer novo projeto, entender os desafios, limitações e oportunidades é ter um compromisso de entendimento quanto aos requisitos de mantê-lo sustentável. Como obter financiamento? Como se manter relevante? Como diversificar as fontes de financiamento? Pensar respostas às questões é importante, porém mais ainda é perceber o valor da biblioteca dentro da comunidade. É isso que traz benefícios para a biblioteca, que traz um retorno sobre a possibilidade de novos projetos.

Pensar em orçamento requer habilidades de custos: como construir planilhas, como planejar e projetar os custos para o futuro, como realizar o devido controle e acompanhamento. Além disso, há o elemento ético por detrás deste trabalho. Você não



consegue gerenciar uma biblioteca eficazmente sem ter em prática os valores aos quais você acredita. Planejamentos estratégicos não podem ser construídos sem ter essa visão ética embutida.

Compartilhamento também é outra habilidade essencial dentro da gestão. O que dizer dos benefícios que o compartilhamento e a troca de experiências institucionais podem trazer? Saber criar oportunidades, identificando ferramentas e processos que deem liberdade e capacidade para a comunidade construir junto do bibliotecário o processo de gestão da biblioteca, por muitos olhares, enquadra-se como um desafio. Além disso, o compartilhamento precisa ser engajado, logo, o papel do bibliotecário como influenciador de pessoas e de grupos ganha destaque na mesma proporção em que ele é desenvolvido pelo profissional.

Se o time que for envolvido no processo for interdisciplinar, mais rica será a ação: profissionais da área da tecnologia, cientistas sociais, antropólogos, museólogos. Se for biblioteca escolar, envolver-se com o corpo docente é mais do que obrigatório. Saber trabalhar com equipes interdisciplinares, ao mesmo tempo em que é um desafio, também se mostra como algo mais completo, pois uma profissão não é capaz de trabalhar com todas as competências e habilidades.

Os bibliotecários precisam trabalhar com grandes missões, diferentes daquelas com as quais estão acostumados. Esta é uma das grandes mudanças que a Nova Biblioteconomia traz. Os bibliotecários não devem traçar objetivos e se limitar a eles, não ir além deles. É necessário pensar com um olhar prospectivo, engajar a comunidade com uma boa gestão, com tecnologia, com *advocacy* e com a colaboração.

Colaborar é uma habilidade que os bibliotecários devem desenvolver junto da sua comunidade, mas também com outros bibliotecários, mesmo que fora da mesma biblioteca. Ensinar a colaborar também é outro aspecto fundamental para uma sociedade cada vez mais conectada e com rápido acesso à informação. Mas como colaborar? Os esforços serão reunidos em torno de um objetivo em comum? Haverá algum líder para comandar a equipe? Como será o estilo de trabalho deste grupo?

Por fim, após o bibliotecário entender a filosofia da colaboração e colocá-la em prática, entra em pauta a necessidade de avaliação e de análise de impacto do trabalho colaborativo realizado. Como saber o que aconteceu junto à comunidade após o término das ações?

Há uma característica cultural muito interessante que pode ser destacada: a visão “romântica” da biblioteca, principalmente se for a pública. Um espaço agradável, com a luz do sol permeando as estantes, o manuseio dos livros em uma poltrona confortável, os pais se divertindo com seus filhos na contação de uma história. Como avaliar estes aspectos e propor novos projetos? Um tradicional “estudo de usuário e de comunidade” pode ser que atenda um pouco desta demanda de gestão do bibliotecário, mas seria o suficiente?

Dentro deste contexto colaborativo, é de extrema importância que o bibliotecário trabalhe o seu perfil gestor, com um olhar estratégico, e saia do senso comum do que sempre interpretou como sendo uma biblioteca. Aliar equipes, ferramentas, produtos e serviços numa missão que vislumbre uma comunidade cada vez melhor é um desafio e tanto, sabe-se disso, mas se feito com princípios de gestão terá maiores possibilidades de se medir o impacto alcançado.

## 2.4 GESTÃO DE ATIVOS

Quando se pensa em bibliotecas, de imediato se pensa em livros. É inevitável e não temos como contornar isso. Certamente, sabemos que as bibliotecas são muito mais que isso.

Mas vamos falar sobre o acervo e supor que você irá criar uma biblioteca que não possui livros. Mesmo assim, esta biblioteca provavelmente terá um acervo. Há uma biblioteca em Nova York que atende especificamente arquitetos, designers e engenheiros. Não há livros neste espaço, somente materiais como madeiras, fórmicas, pisos e outros componentes de construção. A esses materiais damos o nome de *ativos*.

O que sabemos e o que viermos a saber sobre gestão de ativos, enriquecerá muito mais o trabalho desenvolvido sobre nossos acervos. Na Nova Biblioteconomia, é muito mais importante ter um olhar diferenciado sobre isso do que simplesmente trabalhar na disposição de estantes e qual o melhor sistema de classificação de obras ao preencher as prateleiras.

Pensando ainda em organização, mas agora detalhando na preservação, qualquer livro que se quiser preservar até o fim do universo, é possível. Com equipamentos que diminuam riscos de ar, sejam blindados, sem luz; é fácil fazer isso. Entretanto, se as

pessoas não tiverem acesso à obra para leitura, a finalidade do objeto não será alcançada e para nada servirá este trabalho de preservação.

Muitos bibliotecários trabalham dessa maneira (claro que não com tantos aparatos), guardando os livros como se fossem objetos extremamente raros. Outros dedicam tempo à preservação, mas somente com um enfoque no objeto e se esquecem de que as bibliotecas devem trabalhar com a preservação da informação de modo que vá além do objeto, mas também de maneira abstrata. Fala-se muito de circulação do acervo, mas os bibliotecários estão começando a perceber que isso é o básico.

Na África, existe uma biblioteca com máscaras e fantasias do folclore local. Ao invés dos bibliotecários colocarem estes objetos em redomas de vidro ou em manequins, eles são disponíveis para empréstimo para a realização de festivais e até mesmo para peças teatrais escolares. No ato da devolução, os objetos são analisados se estão voltando nas mesmas condições em que saíram. A preservação está presente, mas não no objeto, e sim na herança cultural daquela comunidade.

Em Wisconsin, uma biblioteca pública, localizada próxima a um lago, empresta equipamentos de pesca para a comunidade. Os bibliotecários perceberam que era uma forma realmente efetiva de contribuir localmente. Aqui neste exemplo, não se presencia a preservação evidentemente, mas sim a biblioteca como um espaço que atende outras necessidades.

Uma habilidade exigida dentro deste trabalho de gestão de ativos é saber selecionar. Mesmo que a biblioteca trabalhe tradicionalmente só com livros, quais deles irão compor o acervo? Se forem outras fontes de informação ou equipamentos, quais irão melhor atender à minha comunidade? Este trabalho é bem comum dentro do fazer de um bibliotecário, mas, ainda assim, é fácil encontrar em discursos na prática de investimentos altos em bases de dados, por exemplo, que possuem baixo uso por não serem adquiridas conforme um alinhamento estratégico. A formação de um acervo não pode ser uma atividade exclusiva do bibliotecário, mas sim resultado de um diálogo constante com a sua comunidade.

Para finalizar esta competência de se trabalhar com gestão de ativos, uma habilidade necessária é a de se desenvolver o marketing da biblioteca. Todas as estratégias que disseminem, divulguem e engajem a comunidade para o acervo que está sendo construído farão com que os indivíduos se aproximem do espaço e percebam que ele foi desenvolvido para as suas necessidades.

## 2.5 HABILIDADES CULTURAIS

Há alguns aspectos culturais muito peculiares que envolvem a Biblioteconomia. A começar pelo fato de que, por centenas de anos, a cultura dos bibliotecários foi a de construir um edifício que abrigasse livros, o que, de imediato, trazia fronteiras espaciais para as bibliotecas. O silêncio também é outro elemento bastante presente, quase “palpável”, tamanho o respeito que recebe: automaticamente as pessoas assim que entram numa biblioteca tendem a diminuir o tom de voz e a falar mais serenamente. A Nova Biblioteconomia se propõe a desvincular um pouco destas características.

Não é nada fácil. Padrões culturais são extremamente difíceis de desconstruir, uma vez que levaram muitos anos para serem construídos, tal qual os paradigmas. Entretanto, quando se pensa em atender aos anseios da comunidade, algumas linhas invisíveis devem ser transpostas: linhas de gênero, de *status* socioeconômico, de origem, de religião e muitas outras. Quando se trabalha pontualmente com uma comunidade que é muito diversa, é necessário compreender a cultura em um outro patamar, com novas competências.

Aqui no Currículo foram identificadas algumas delas, a começar pela comunicação. Se você tem uma grande ideia, um excelente projeto ou um fabuloso produto, sem comunicação eles serão meras e simples ideias, projetos e produtos, sem adjetivo algum. Entender como se comunicar e que as pessoas utilizam diferentes linguagens (não somente idiomas, mas maneiras que expressam algo) é uma competência única.

O bibliotecário também precisa adquirir elementos interculturais, ou seja, a facilidade de se trabalhar com diferentes culturas de países diversos, por exemplo, ou de povos que falem o mesmo idioma. Saber como criar produtos e serviços específicos para estas *microculturas* fará com que a biblioteca seja um espaço muito mais democrático.

A Biblioteca Livre da Filadélfia passou por um problema cultural interessante: o espaço se situava num núcleo urbano prioritariamente preenchido por afro-americanos. No entanto, a maioria dos funcionários da biblioteca eram pessoas brancas. Era visível que a aproximação entre o público e os bibliotecários era bastante distinta, com pouco diálogo. Mesmo que os bibliotecários utilizassem algumas estratégias, nada parecia funcionar com bons resultados. O que eles fizeram foi contratar coordenadores negros

que montariam clubes de leitura, com livros de temáticas próximas à realidade do público. A iniciativa trouxe um formidável movimento para a biblioteca e mais confiança por parte da comunidade, que percebeu que uma barreira cultural foi ultrapassada.

A linguagem também é uma competência requerida. Quanto mais a biblioteca estiver atuante junto de sua comunidade, mais a sua linguagem precisará ser especializada. Entretanto, isso não se afirma exclusivamente no âmbito técnico (como os jargões profissionais) ou de algum idioma, mas sim quanto à linguagem etária, por exemplo. A maneira como os adolescentes se comunicam por meio das mídias sociais, criando novas palavras, também é uma linguagem especializada.

Tanto a comunicação como a linguagem, elas não se aplicam somente ao modo como falamos, mas também como aprendemos. O bibliotecário precisa estar atento quanto a isso, oferecendo espaços e oportunidades de aprendizado diferenciado. Alguns precisam de locais silenciosos, já outros necessitam do diálogo com várias pessoas. Ainda há também aqueles que aprendem melhor visualmente, outros obtêm resultados mais significativos praticando, e outros que se contentam com os suportes informacionais mais tradicionais (como livros e periódicos).

Quando se fala a respeito de competências culturais, muitas vezes não basta só afirmar que se utiliza a mesma linguagem ou os mesmos canais de comunicação. O bibliotecário precisa deixar o espaço da biblioteca e estar junto da sua comunidade, aprendendo também junto dela, observando, analisando, semelhante a um trabalho étnico de campo. Assim, torna-se mais fácil vislumbrar novas oportunidades conforme os anseios e as limitações do público envolvido.

## 2.6 CONHECIMENTO, APRENDIZAGEM E INOVAÇÃO

Neste ponto do Currículo, já se sabe que bibliotecas não são sobre livros, nem sobre materiais e nem sobre o que colocar entre quatro paredes. As bibliotecas são uma missão. A Biblioteconomia é uma forma que ensina profissionais que proporcionam melhorias e crescimento às suas comunidades através do conhecimento. Ter muitos livros dentro de uma sala com pessoas que só falam Português não significa ter muito conhecimento se estes livros forem em Chinês. O conhecimento é algo além.

Falamos a respeito de como as bibliotecas são espaços de aprendizagem, onde as pessoas não se reúnem apenas para ler ou emprestar livros, mas chegam realmente a

aprender e a expandir sua visão de mundo. Quando se fala em mudança positiva, fala-se em inovação: um conjunto das novas maneiras de se fazerem as coisas, de modo mais rápido e eficiente. Desta forma, os bibliotecários precisam ter a competência de não somente entender de conhecimento (como criar, compartilhar, engajar), mas sim de inovar o seu trabalho com conhecimento.

A Biblioteca Livre de Fairfield é uma biblioteca pública que criou um *makerspace*,<sup>3</sup> reunindo algumas impressoras 3D. Fizeram uma grande divulgação do espaço junto da comunidade, que agora poderia colocar no mundo físico alguma ideia que tivesse. Muitos se perguntaram: por que um espaço assim dentro de uma biblioteca pública?

Estamos muito confortáveis com a ideia de que as pessoas vão à biblioteca e aprendem a partir da leitura. Quando se fala que você pode ir à biblioteca aprender construindo, isso é uma abordagem realmente nova. Dar a oportunidade e as ferramentas para que as pessoas publiquem seus livros, imprimam algo em 3D, façam um *podcast*, pintem um quadro; todas estas atividades ainda não são plenamente associadas quando se ouve a palavra “biblioteca”. Quando percebe que isso tudo é aprendizagem, e uma vez que a biblioteca é um espaço para aprender, logo, todos estes exemplos poderão ser comuns com o decorrer do tempo.

O conhecimento em si é dinâmico e muda diariamente. Se o conhecimento está em fluxo contínuo, portanto a biblioteca também precisa estar. Obviamente que nenhum bibliotecário, ou nenhum outro profissional, pode antecipar, com muita antecedência, mudanças mais radicais, mas o que importa é que as pessoas estejam propícias para a transformação, não sejam profissionais estáticos. Este contexto é o que contempla o empreendedorismo, sempre exigindo novidades da comunidade que empreende.

A busca pela informação é outro fator preponderante no trabalho do bibliotecário. Pode parecer fácil buscar informação atualmente: digita-se no Google, no Bing, ou em outro buscador, e pronto, você tem informação a respeito de determinado assunto. É por conta disso que o autor David Weinberger afirma que a informação se tornou uma mercadoria. O indivíduo busca por algo, o encontra na Wikipédia e segue em frente, tendo assim somente um “pedaço” de conhecimento. Só que não é assim que

---

<sup>3</sup> *Makerspaces* são espaços para pessoas terem ideias e torná-las realidade, trabalhando com criação e construção. Estes espaços costumam oferecer impressoras 3D, mas não necessariamente. O intuito é que as pessoas compartilhem materiais, habilidades, competências e estejam abertas para o trabalho em equipe (GINSBERG, 2017?).

funciona. Antes de você digitar o que queria na Wikipédia, foi necessário saber que ela existia, que você saberia ler o artigo no idioma em que estivesse escrito e que havia uma infinidade de outras opções que poderiam lhe trazer novas informações a respeito do assunto pesquisado.

As bibliotecas nasceram em um tempo que a informação era escassa e acessível a pouquíssimas pessoas por diferentes razões e limitações. Agora, com esta gama de alternativas de se navegar informacionalmente, exige-se do bibliotecário uma habilidade fundamental de se trabalhar de maneira efetiva e com sucesso.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Currículo de Salzburg é um resultado de uma discussão efervescente entre profissionais com diferentes atuações e de realidades culturais e territoriais bastante distintas entre si. Justamente por conta disso é que consegue ser rico na abordagem que propõe a apresentar e, ainda assim, trazer uma visão global, sem aspectos regionais.

Discutir currículo, competências e habilidades é uma atividade árdua e fluida conforme as transformações do mercado de trabalho, que cotidianamente passa a exigir cada vez mais dos profissionais, indiferente do campo em que atue. O que foi apresentado em Salzburg tem uma franca proximidade com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais, que regem os projetos pedagógicos dos cursos superiores no Brasil.

Moraes e Lucas (2013) afirmam que as tecnologias da informação e comunicação englobam mudanças não somente aos povos, mas também às áreas de conhecimento, como a Biblioteconomia. Isso se evidencia ao longo da atuação dos bibliotecários em algumas fases, a se destacar o bibliotecário da Idade Medieval, o da sociedade da informação e, mais recentemente, da era digital. Corrêa (2013) também apresenta em sua reflexão – desde a proposta do projeto de Gabriel Naudé para a formação do bibliotecário, passando pelo olhar social de Ranganathan e as primeiras contribuições modernas da Escola de Chicago – que o currículo da Biblioteconomia esteve sempre marcado por mudanças ocasionadas pelas necessidades da sociedade. No contexto atual, em que a tecnologia e os dispositivos móveis acabam trazendo diferentes identidades às pessoas, de meras consumidoras a produtoras de informação, o debate curricular precisa ser levantado com cada vez menor período de tempo.



O propósito deste artigo foi o de trazer a tradução para a Língua Portuguesa do Currículo de Salzburg, documento construído de maneiras interdisciplinar e multicultural, envolvendo profissionais de países com realidades muito distintas que enriqueceram a reflexão. Desta forma, espera-se que, ao eliminar a barreira ainda existente entre alguns com o idioma Inglês, possa trazer uma contribuição ao público que discute currículo e formação profissional no Brasil.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Elisa C. D. A interdisciplinaridade entre Biblioteconomia, Educação e Sociologia nos cursos da graduação da Região Sul do Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/39461/31063>>. Acesso em: 14 out. 2016.

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: EdUSP, 1998.

GINSBERG, Sharona. Makerspaces: what are they? *In: Libraries & maker culture: a resource guide*. [Blog]. Publicado em: [201?]. Disponível em: <<http://library-maker-culture.weebly.com/what-are-they.html>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

HAMEL, Gary; PRAHALAD, C. K. **Competindo pelo futuro**: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã. 12. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

LANKES, R. David. **The atlas of New Librarianship**. Cambridge, MA: MIT Press, 2011.

\_\_\_\_\_. **Expect more**: demanding better libraries for today's complex world. Jamesville, NY: Riland Publishing, 2012.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências profissionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a12v33n2.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

MORAES, Marielle Barros de; LUCAS, Elaine de Oliveira. A interdisciplinaridade da Biblioteconomia em Santa Catarina a partir dos currículos de formação. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/864>>. Acesso em: 14 out. 2016.

SALZBURG GLOBAL SEMINAR. **The Salzburg Curriculum**. Publicado em: Oct. 2011. Disponível em: <<http://salzburg.hyperlib.sjsu.edu/>>. Acesso em: 10 jul. 2016.



## **SOBRE O AUTOR**

### **Jorge Moisés Kroll do Prado**

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenador da Rede de Bibliotecas do Senac em Santa Catarina.

E-mail: jorge.exlibris@gmail.com

**Recebido em:** 12/08/2016; **Aceito em:** 20/10/2016.

### **Como citar este artigo**

PRADO, Jorge Moisés Kroll do. O currículo de Salzburg para bibliotecários numa era de cultura da participação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 131-147, jul./dez. 2016.